

Missão em diálogo: Implicações transformadoras na perspectiva do Concílio Vaticano II

Misión en diálogo: Implicaciones transformadoras desde la perspectiva del Concilio Vaticano II

Mission in dialogue: Transformative implications from the perspective of the second Vatican Council

Dirce Gomes da Silva¹

Resumo

À luz da proposta transformadora, missionária e ecumênica do Concílio Vaticano II, o presente artigo traz uma reflexão crítica sobre a missão em diálogo e suas implicações para o processo missionário nos tempos atuais. Considerando a atual realidade que incide na missão da igreja em perspectiva dialógica, o estudo se sistematiza por uma visão teológica de missão pensada de forma dialogal. O objetivo é apresentar o trabalho missionário articulado nestes 60 anos de conclusão do Concílio. A metodologia será uma análise bibliográfica e documental de teólogos e teólogas que apresentam o exercício da reflexão ecumênica no horizonte do diálogo e da missão. A conclusão é que a missão em diálogo está presente nas esteiras do Concílio ecumênico Vaticano II como um espaço hermenêutico de convivência independente das diferenças de seus interlocutores. O estudo aponta uma nova compreensão transformadora dos objetivos da missão por meio de três núcleos missiológicos presentes na proposta transformadora do concílio, a saber, o trabalho missionário, o diálogo inter-religioso e a cooperação solidária com a humanidade.

Palavras-chaves: Concílio Vaticano II; Missão; Diálogo; Reino de Deus; Igreja.

Resumen

A la luz de la propuesta transformadora, misionera y ecuménica del Concilio Vaticano II, este artículo ofrece una reflexión crítica sobre la misión en diálogo y sus implicaciones para el proceso misionero actual. Considerando la realidad actual que impacta la misión de la iglesia desde una perspectiva dialógica, este estudio se sistematiza me-



¹ Doutora e Mestra em Teologia Sistemática, Pastoral e Espiritualidade na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Orcid <http://lattes.cnpq.br/1578210922466171> E-mail missoesdircegomes@gmail.com.

diante uma visão teológica de la misión concebida dialógicamente. El objetivo es presentar el trabajo misionero articulado en estos 60 años desde la conclusión del Concilio. La metodología consistirá en un análisis bibliográfico y documental de teólogos que presenta el ejercicio de la reflexión ecuménica en el horizonte del diálogo y la misión. La conclusión es que la misión en diálogo está presente tras el Concilio Vaticano II como un espacio hermenéutico de coexistencia independiente de las diferencias de sus interlocutores. El estudio apunta a una nueva comprensión transformadora de los objetivos de la misión a través de tres núcleos misiológicos presentes en la propuesta transformadora del concilio, a saber, el trabajo misionero, el diálogo interreligioso y la cooperación solidaria con la humanidad.

Palabras clave: Concilio Vaticano II; Misión. Diálogo; Reino de Dios; Iglesia.

Abstract

In light of the transformative, missionary, and ecumenical proposal of the Second Vatican Council, this article offers a critical reflection on mission in dialogue and its implications for the missionary process nowadays. Considering the current reality that impacts the church's mission from a dialogical perspective, this study is systematized by a theological vision of mission conceived dialogically. It aims at presenting the missionary work articulated in these 60 years since the Council's conclusion. The methodology will be a bibliographical and documentary analysis of theologians who present the exercise of ecumenical reflection within the horizon of dialogue and mission. The conclusion is that mission in dialogue is present in the wake of the Second Vatican Council as a hermeneutical space for coexistence independent of the differences of its interlocutors. The study points to a new transformative understanding of the objectives of mission through three missiological cores present in the council's transformative proposal, namely: missionary work, interreligious dialogue, and solidarity-based cooperation with humanity.

Key words: Second Vatican Council; Mission; Dialogue; Kingdom of God; Church.

1. Introdução

O Concílio Vaticano II representou um marco para a história do cristianismo, no qual convoca a todos para o diálogo e abertura às novas tendências da vida da pessoa em tempos modernos. A partir de um olhar de fé e apreço, em vista do *aggiornamento*, inaugurou-se uma nova fase do Espírito no interior da vida da Igreja e de toda a humanidade. Nesse sentido, a Igreja buscou uma nova compreensão sobre sua natureza missionária que clama por uma missão na vivência sinodal de diálogo e de comunhão.

Esta pesquisa analisa como o magistério do Vaticano II (1962–1965) aponta a urgente transformação missionária como um novo impulso, cuja tônica imperativa é uma Igreja sinodal, de diálogo, em estado permanente de missão. Nesse sentido, emerge a essência da missão afirmada no Decreto *Ad gentes* (AG, 2), onde Deus é apresentado como a fonte da Missão, a *Missio Dei*. Missão que nasce do desígnio libertador de Deus, do seu amor fontal.



Nosso objetivo aqui é retomar o ensino missiológico e dialógico do Concílio Vaticano II e expressar os horizontes da missão mediante três eixos fundamentais: o trabalho missionário, o diálogo inter-religioso e a cooperação solidária nas grandes questões da humanidade. Estruturamos nosso estudo em quatro partes: em primeiro lugar, partiremos da análise do trabalho missionário da Igreja, destacando a necessidade do saber situar-se no mundo plural, considerando a missão como um chamado e envio para um serviço, que se inicia pela contemplação, que se torna diálogo e continua profecia. Por meio do processo dialógico, o enviado descobre Deus presente na vida das pessoas não só olhando, mas ouvindo e respeitando suas experiências históricas, culminando assim em um diálogo de experiências espirituais que leva à comunhão com Deus, fonte da missão. No segundo momento, aprofundaremos a compreensão do diálogo ecumênico e inter-religioso, como é notório que o Vaticano II, em sua metamorfose, sublinha a proposta do diálogo que abre as portas para uma missão que vai ao encontro de todas as realidades do mundo e com outras tradições religiosas. O terceiro passo de nosso estudo apresentará implicações do processo missionário da Igreja, como superação de uma mentalidade colonizadora e realizando-a como partilha de um dom, o projeto amoroso de Deus para toda a humanidade. No quarto momento da pesquisa, a missão em diálogo e suas implicações serão aprofundadas pela Teologia do diálogo, como pressuposto para a missão da Igreja hoje.

Compreenderemos que, após 60 anos de sua realização, o Vaticano II, com os Evangelhos, a fonte hoje na qual a Igreja se abastece em sua caminhada missionária, vivida nas parcerias e nas iniciativas de cooperação social, ecumênica e inter-religiosa na promoção do Reino de Deus no mundo.

2. Trabalho missionário

A Igreja, movida pela graça e pela caridade do Espírito Santo e na fidelidade ao mandamento de Cristo, mediante a atividade missionária à missão da Igreja, se torna atual e plenamente presente a todos os homens ou povos. Essa atividade se desenvolve não só pelo testemunho de vida e pelo anúncio do evangelho, mas também pelos sacramentos e outros meios da graça. O importante é a abertura de caminhos livres para que todos possam participar plenamente do mistério de Cristo (AG, 5). Amaladoss (2000, p. 61.65) apresenta o horizonte da missão como:

O horizonte dessa missão é a missão do próprio Deus, mediante a Palavra e a procura do Espírito para comunicar sua vida abundante a pessoas que realizam a missão, mistério de Deus. O fim da missão é o Reino - novo céu e nova terra - que é promessa de Deus a todos os povos; e a Igreja é seu sacramento, ou símbolo e serve. O caminho dessa missão é o caminho de Cristo: autoimolado e amor de serviço que salva. A tarefa dessa missão é a construção da comunidade humana como povo de Deus. [...] O caminho fundamental de tal missão é o diálogo com Deus e com as pessoas. Em esperança e confiança. O diálogo respeitoso. Não impaciente nem agressivo.

Compreende-se esse horizonte tendo como caminho a “atividade missionária”, isto é, a manifestação ou epifania da realização do desígnio de Deus no mundo e na história. Sua meta e configuração teológica são o anúncio do Reino de Deus e sua razão é a “vontade de Deus de que todas as pessoas sejam salvas e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (AG, 9-18; RMi, 41). O Standard é o próprio Jesus, verbo encarnado que veio para Evangelizar (Lc 4,18 AG, 3). A Igreja, no exercício dessa atividade, cujo fim próprio é evangelizar, Deus é plenamente glorificado e a libertação chegará a todos os povos até a plenitude escatológica (Mt 11,4-6; LG 9b, AG, 9; Suess, 2015, p. 628). Por isso, afirma o Papa Paulo VI: “A atividade missionária ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja” (RMi, 40).

Para Amaladoss, (2000, p. 56), a missão, como um chamado e envio para um serviço, deve começar como contemplação que se torna diálogo e continua profecia. Nesse processo de um diálogo, o enviado descobre Deus presente na vida das pessoas não só olhando, mas ouvindo e respeitando suas experiências históricas, culminando assim em um diálogo de experiências espirituais que leva à comunhão com Deus, fonte da missão. “Esse princípio teológico faz entender que a missão não é apenas uma atividade eclesial, mas uma característica intrínseca de Deus” (Villasenor, 2025, p. 11). David J. Bosch, ao falar da missão no sentido transformador, sente a necessidade de ajustar o termo em dois sentidos, isto é, no sentido plural e singular.

Temos que distinguir entre missão (singular) e missão (plural). A primeira refere-se principalmente à *Missio Dei* (missão de Deus), isto é, a autorrevelação de Deus como Aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo, a natureza e a atividade de Deus, que abrange tanto a igreja quanto o mundo, e na qual a igreja tem o privilégio de participar. A *Missio Dei* enuncia a boa nova de que Deus é um Deus para o povo. Missões (as *missiones ecclesiae*: os empreendimentos missionários da igreja), referem-se a formas particulares, relacionadas a tempos, lugares ou necessidades específicas, de participação na *Missio Dei* (Bosch, 2011, p. 10, tradução nossa).

Esse duplo sentido da missão revela a importância de todas as iniciativas relacionadas a tempos, lugares ou necessidades específicas de pregar o Evangelho. Ademais, reconhece como fim aquele que ama o mundo, que se envolve, que envia seu Filho Jesus Cristo, que se encarna, cumprindo seu projeto de salvação e vida para toda a humanidade (João 10,10). Por isso, a teóloga missióloga Kirsteen Kim assegura que:

A *Missio Dei* enfatiza a prioridade da atividade de envio de Deus no mundo, pelo Filho e o Espírito, e a contingência da igreja é a sua missão em atividades sobre isso. Portanto, uma teologia de missão da igreja está preocupada com sua participação da igreja na Missão de Deus para e no mundo. Isso é amplo suficiente: abrange a participação na missão de Deus para a plenitude da vida; praticando vida em comunidade, encarnado sobre o evangelho dentro de cada cultura; testemunha e dialoga; proclama a verdade do Evangelho; e testemunha a unidade (Kim, 2010, p. 1, tradução nossa).



Neste sentido, o Vaticano II descreve “a Igreja peregrina” como “[...] missionária por natureza” (AG, 2). Com esse adjetivo, “missionária”, ele quer afirmar que a Missão da Igreja é a sua vocação, sua identidade, sua razão de ser, sua essência estruturante e seu serviço à humanidade, isto é, católica. De fato, aqui se revela a constitutiva unidade da Igreja com o mistério de Deus Amor, testemunhada pela santidade de vida de uma comunidade cristã.

A partir daí, a novidade foi dar um novo impulso às questões missionárias, tendo como caminho promissor o vocábulo “diálogo”. Essa busca se dá no desejo de transformação de uma Igreja hegemônica para uma Igreja dialogante, considerando, acima de tudo, o interlocutor na sua prática evangelizadora. Supõe superar as tradicionais práticas missionárias baseadas em experiências colonialistas, impostas sem consideração de diálogo e respeito frente ao missionado.

A exemplo do Apóstolo São Paulo: “escravo por todos” (1Cor 9,19-22). Que chega não com palavras lisonjeiras, pretexto de ganâncias ou pretensão. Antes diz: “Nós fomos gentis com vocês”. Estamos determinados a compartilhar com vocês não apenas o Evangelho de Deus, mas também nós mesmos, porque vocês se tornaram muito estimados (1Ts 2,5-8). Assim, a díade missão em diálogo, desejo almejado pelo Vaticano II, vai induzir novas práxis de missão. Conforme afirma Comblin (2005), práxis que até então a ideia central era salvar as almas, reproduzindo assim em todos os territórios do mundo a estrutura do catolicismo europeu. Civilizar era a outra ideia principal da época, integrada ao colonialismo com intuito de civilizar os povos que não eram europeus (Comblin, 2005, p. 22).

3. O diálogo ecumênico e inter-religioso

O diálogo proposto pelo Concílio Vaticano II abre as portas para uma missão que vai ao encontro de todas as realidades do mundo e com outras tradições religiosas. Sua proposta é que, pelo diálogo, os cristãos encontrem os que seguem outras tradições religiosas para caminhar em conjunto em direção à verdade, colaborando em ações de interesses comuns (DM, 13). De acordo com Wolff (2007, p. 75), o diálogo faz parte da constituição da missão da Igreja. Portanto, não é algo optativo, mas constitutivo, que faz com que a Igreja perceba que não pode se fechar em si mesma. Essa tomada de consciência e renovação profética exige da Igreja a superação de certezas dogmáticas, a apelos, à alteridade.

“Nessa perspectiva, promove-se o respeito genuíno pelo outro, baseado no reconhecimento de suas diferenças, em consonância com uma busca compartilhada ou alianças inter-religiosas voltadas para a construção da paz” (Farías, 2025, p. 127). Assim, o Vaticano II revela que, não dialogando, a Igreja está perdendo a oportunidade de ser um instrumento de paz e de harmonia em um mundo dividido por tantos conflitos, cujas diferenças e limitações humanas precisam ser ultrapassadas por meio do diálogo. Para tanto, missão na forma dialogal não é mais um fim em si, mas um elemento integral na promoção do Reino de Deus (Amaladoss, 2013, n. 171).

Portanto, não é questão de se apoderar da experiência que cada religião já descobriu, mas de forma dialogal permitir que ela se expanda. Isso significa que a doutrina, a verdade da

minha experiência cristã, não é propriedade, mas um dom comum que foi emergindo. E completa: “que nunca a missão sai para o deserto da pura ausência, mas para o encontro com os outros rostos do Senhor” (Queiruga, 2007, p. 151).

4. A cooperação solidária com a humanidade

O ser missão da Igreja a faz em diálogo com toda a humanidade, como presença do Reino de Deus. O Papa afirma: “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG, 176). Por isso, ela é chamada a estar “em saída”, como o seu Senhor, que “[...] sabe ir à frente, sabe tomar iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (EG, 24). Assim, [...] “a Igreja nasce da missão e existe para a missão: existe para os outros e precisa ir a todos” (CNBB, 2011, Doc 94, 76).

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS, 1).

Portanto, a fidelidade solidária às questões da pessoa humana, a partir do Vaticano II, representou um marco para a história do cristianismo, no qual convoca a todos para o diálogo e abertura às novas tendências da vida do homem moderno. Um revisitar as fontes e um olhar de fé e apreço inauguraram um renovado Espírito no interior da vida da Igreja e de toda a humanidade. Ela buscou uma nova compreensão sobre sua natureza missionária. A levou à revisão de um projeto histórico missionário que evangelizou colonizando e colonizou violentando e não contemplava a complexidade dos povos nas mais diversas pluralidades. Por isso, a CNBB (2016, Doc. 108) confirma:

“As mudanças de época induziram a Igreja a uma profunda revisão de si mesma e de sua missão já com a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II, através de um decidido retorno às fontes e de um diálogo ecumênico, inter-religioso e aberto a todos os setores da sociedade contemporânea. Nesse processo, a presença missionária da Igreja no meio dos povos foi fortemente questionada. De fato, qual seria o sentido de anunciar Jesus Cristo como “o mediador e a plenitude de toda revelação” (DV, 2), diante da pluralidade das diferentes religiões e do direito à liberdade religiosa no mundo de hoje? Por que motivo precisaríamos afirmar a necessidade de pertencer à Igreja Católica se as pessoas podem conseguir a salvação do mesmo jeito fora dela, podendo ser “de várias maneiras ordenadas ao povo de Deus” (LG, 16).

Sendo, pois, “o homem é o primeiro caminho que a Igreja deve encontrar no cumprimento da sua missão” (RH, 14), o intuito da missão é dirigir-se sempre a toda a humanidade no respeito pleno da liberdade de cada interlocutor. Com o Vaticano II, impulsiona intrinsecamente o ser e o modo da missão, relacionando-a com a contextualidade da humanidade.



Além disso, apresenta um novo deslocamento, uma nova compreensão do sujeito e dos objetivos da missão. Ainda afirma: foram caminhos, cuja proposta foi minimizar a batalha hermenêutica entre os diferentes nas mais diversas instâncias eclesiais.

Confirma-se, portanto, que a motivação principal da missão está na mística fundamentada na vontade de Deus que deseja a salvação de todos. Essa missão, querida por Cristo, é uma missão de amor, pois Ele, o enviado do Pai, é fonte e origem da missão, vivendo plenamente a vontade do Pai. Sua prática conteve todos os elementos da missão (AG, 2-7a. 12; EN, 26). Assim, descreve o documento *Anúncio e Missão*, apontado para a vivência do cristão:

Segundo os Evangelhos, ele manifesta-se com o silêncio, com a ação, com a oração, com o diálogo e com o anúncio. A sua mensagem é inseparável da ação; anuncia Deus e o seu Reino, não só com as palavras, mas também com os fatos, e com as ações que realiza. Aceita a contradição, o insucesso e a morte; a sua vitória passa pelo dom da vida. Tudo nele é meio e caminho de revelação e de salvação (cf. EN, 6-12); tudo é expressão do seu amor (cf. Jo 3,16; 13,1; 1Jo 4,7-19). Assim devem fazer também os cristãos: “Por isto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35) (DM, 15).

Contudo, para a vivência desta mística, se faz necessário “[...] repensar profundamente e relançar com fidelidade e audácia a missão da Igreja nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais”. Tendo em vista que esta missão “[...] continua longe do seu pleno cumprimento, ou melhor, está ainda no começo” (RMI, 40). E sem perder seu fundamental dinamismo missionário e, principalmente, suas motivações essenciais, os tempos atuais mostram que a Igreja, em seus diferentes desafios, precisa repensar sua ação evangelizadora no mundo de forma dialógica e comprometida em colaboração solidária nas grandes questões da humanidade. Portanto, Amaladoss (2006, p. 195) afirma que a Igreja, comunidade dos discípulos de Jesus, sua missão é olhar para fora de si mesma, se despertando para o diálogo com o mundo. Dialogando estará pronta não só para oferecer, mas também para receber do mundo.

5. Teologia do diálogo e suas implicações para a missão da Igreja

O diálogo não é uma estratégia sofisticada da missão, mas é uma teologia que emana do diálogo de Deus com a humanidade. Nesta teologia, a alteridade não é apenas tolerada, mas reconhecida como elemento constitutivo da liberdade do outro e da própria identidade (Suess, 2017, p. 88-89). Partindo do horizonte de que um verdadeiro diálogo é o reconhecimento da alteridade do outro, isto implicará a superação do colonialismo e da colonialidade, que buscam reduzir o outro a uma pessoa inferior.

Urge, portanto, ao missionário, em uma atitude humilde, reconhecer que Deus se revela em todas as culturas (Boff, 1992, p. 358). Os documentos do Vaticano II permitem novas perspectivas na teologia da missão, reafirmando que a forma dialógica reorientará novos rumos para a missão da Igreja. Favorecendo assim o reconhecimento de novas posturas teológicas. Por isso, Suess aponta algumas premissas citadas pelo Concílio Vaticano II.

1º O Salvador quer que todas as pessoas se salvem (cf. 1Tm 2,4). Aqueles que sem culpa ignoram o Evangelho de Cristo, mas buscam a Deus de coração sincero e tentam cumprir com boas obras a Sua vontade podem conseguir a salvação. (LG, 16) 2º Os que ainda não receberam o Evangelho se ordenam por diversos modos ao Povo de Deus. 3º O plano de Salvação também abrange aqueles que reconhecem o Criador. Deus não está longe de ninguém que o procura (LG, 16) 4º A esperança da ressurreição vale não somente para os cristãos, mas também para todas as pessoas de boa vontade em cujos corações a graça opera de modo invisível. Devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem ao mistério de Deus. (GS, 22e) 5º A liberdade Religiosa é um direito da pessoa Humana e um pressuposto da missão. Em assuntos religiosos ninguém seja obrigado a agir contra a própria consciência, nem se impeça de agir de acordo com ela (DH, 2a) (Suess (2015, p. 632).

Nota-se serem prepositivos os esforços transformadores do Concílio Vaticano II com bases no diálogo, propor e posicionar a Igreja, para o contexto plural. Para tanto, sabe-se que não foi uma tarefa fácil. Foram inúmeros encontros e orações comuns que contribuíram para justificar a relevância da missão em diálogo na pluralidade. Por isso, o intuito do Vaticano II é colocar a Igreja não mais no sentido de confronto e polêmica, mas na perspectiva do encontro, do diálogo, da cooperação e da comunhão. Ainda ressalta que o Vaticano II deseja a ajuda da Igreja, de assumir uma postura de humildade. Sem desprezar suas convicções de fé, ela também pode, através do diálogo, aprender com seu interlocutor (Wolff, 2012, p. 7).

Wolff (2007, p. 75) aponta especificamente a questão dialógica, ressaltando que a Igreja é constituída no diálogo, diálogo este entre Deus e entre as pessoas. Sobretudo nas questões doutrinárias entre as diferentes comunidades. Por isso, afirma que o diálogo não é algo op-tativo na Igreja, mas constitutivo, fazendo a Igreja perceber a importância de não se fechar em si, tendo em vista que a sua identidade é a abertura ao outro.

Este novo modo de missão favorecerá a Igreja, à superação da missão enquanto sacramentalizar para o sentido maior de evangelizar. O Vaticano II propõe que a Igreja, enquanto servidora do Reino, deve colocar-se em uma atitude de diálogo, principalmente com as demais religiões. Considerando que o objetivo da Evangelização não é incorporar os povos na Igreja, mas a Igreja se encarnar nos povos, revelando uma missão dialogal, pluriétnica e pluricultural (Brighenti, 1998, p. 16-17). Nesse sentido, apresentaremos algumas implicações concretas da prática do diálogo ecumênico e inter-religioso para a missão da Igreja.

- a. Transcender as práticas missionárias sacramentalistas e aprofundar o diálogo na Igreja com as religiões cristãs e não cristãs. Entre tantas, destacamos as religiões dos povos indígenas e afrodescendentes, hoje muitas vezes ignoradas e marginalizadas.
- b. Missão dialogal em constante discernimento (Brighenti, 1998, p. 23).



- c. Compreensão dos limites; atitude de humildade para perceber seus limites; consciência do diálogo na vivência da fé; não impor a própria verdade (Wolff, 2007, p. 75-76).
- d. A missão, nos dias de hoje, precisa ser pensada e realizada no espírito e na prática do diálogo, reconhecendo que Deus já está ali antes da chegada do missionário. Missão não é fazer coisas para pessoas, em primeiro lugar é ser com as pessoas. E ainda acrescenta que o método do diálogo deve ser manifestado na totalidade em todas as atividades missionárias e pastorais da Igreja (Bevans, 2016, p. 39).
- e. Igreja, não como detentora da verdade a ser levada aos povos, mas uma Igreja, povo de Deus, hospitaleira, missionária, que se encarna nas culturas. Uma Igreja que encontra e se expressa na pluralidade de seus povos, culturas e ecossistemas. A proposta do agir missionário se fundamenta em uma teologia na qual a hermenêutica proposta é que a missão deve ser realizada em diálogo (RMI, 55).
- f. Uma missão inculturada que busca dar atenção aos povos afro-ameríndios e suas respectivas tradições religiosas. Além disso, se aproxima das religiões indígenas e comunidades eclesiais de base, tem um novo olhar sobre os cultos de origem africana na valorização de uma liturgia mais inculturada. Se revela, neste sentido, uma reflexão missiológica que acena para uma missão em diálogo, onde na missão os missionários descobrem, no diálogo, os valores já presentes nas religiões e por isso respeitam e valorizam o que há de diferente no outro (Maçaneiro, 2006, p. 16-17). Essa transformação de paradigma teológico que o Vaticano II quis ser um Concílio ecumênico e de diálogo. Tal pensamento mais tarde foi muito bem consolidado no Documento Diálogo e Missão, ao dizer que o diálogo pressupõe atitudes equilibradas de ambas as partes de seus interlocutores, isto é, nem ingênuos e nem hiper-críticos, mas abertos e acolhedores (DM, 47, p. 39).

No espírito transformador do Concílio Vaticano II, missão em diálogo torna-se uma permanente expressão teológica válida e normativa para o momento atual que impulsiona a Igreja à missão e ao diálogo com as diferentes realidades do mundo contemporâneo. Nas conclusões dos padres conciliares, o diálogo foi o caminho trilhado, impulsionando a Igreja a assumir uma postura de abertura para as diferenças religiosas, revelando-se assim à humanidade como portadora de valores de diálogo, de respeito, construindo pontes entre todos os povos.

6. Conclusão

Para concluir, podemos afirmar que a visão histórica transformadora do Vaticano II sobre missão em diálogo contempla o mistério da ação de Deus no mundo. A origem está na missão de Deus, revelada no decorrer do tempo. Uma missão passou por múltiplos caminhos simbólicos, sociais, históricos com a humanidade (Hb 1,1). Esses contextos históricos, o próprio Vaticano II assegura que a Igreja, enquanto peregrina e missionária por sua natureza, se confrontou com várias contingências para manter a fidelidade à missão de Deus no mundo.

Todavia, o mesmo Vaticano II, ao se referir à atividade missionária da Igreja, diz que os diferentes modos, como esta tarefa se desenvolveu e se fazem necessário atenção às diversas circunstâncias na qual a Igreja deve corresponder de maneira apropriada no respeito e no diálogo mútuo (AG, 6). Com tal atitude, dizendo que atenção, tão necessária, favorece a Igreja não correr o risco de continuar a desenvolver sua missão ligada a um passado colonial que continua presente no sofrimento histórico de muitos sujeitos emergentes, tais como: indígenas, afrodescendentes, mulheres, minorias e tantos em situação de vulnerabilidade. Esses esperam da Igreja em Missão uma prática dialogal, pluricultural e universal, afirma (Suess, 2015, p. 188).

Jesus Cristo, o missionário do Pai, é o modelo apresentado pelo Vaticano II. Ele, que veio para que todos tenham vida (João 10,10), percorria todas as cidades e aldeias, curando todas as enfermidades e proclamando o Reino de Deus (Mt 9,35ss.; At 10,38). Esta mesma missão deve seguir a Igreja, enquanto servidora e samaritana. Que, por fidelidade à *Missio-Dei* estabelece relações de diálogo com toda a humanidade, independentemente de sua condição. Considerando acima de tudo os mais pobres e aflitos (2Cor 12,13). Esse modelo de missão é aquele que participa das dores e alegrias da humanidade, buscando na compaixão e no cuidado conhecer os sofrimentos que assolam suas vidas (AG, 12).

Vimos, portanto, que a razão da atividade missionária da Igreja não pode ser simplesmente compreendida como salvação individual, mas deve ser um processo conjunto de encarnação do Evangelho de maneira dialogante, em que os discípulos, por meio de um diálogo sincero e paciente e profundamente imbuídos do Espírito de Cristo, tomem conhecimento da realidade da humanidade no meio em que vivem (AG, 11). Assim sendo, a proposta é uma missão marcada não de conquista, mas de experiências evangélicas. A qual não pretende converter o que é obra do Espírito, mas visibilizar o testemunho de servir e anunciar o Reino com muito respeito às diversidades. Somente todos juntos, dando e recebendo, em um contínuo intercâmbio de descobertas e experiências, de crítica e enriquecimento mútuos, iremos construindo na história a resposta à revelação salvífica (Queiruga, 2007, p. 149).

7. Referências

AMALADOSS, Michael. *Promover a harmonia: vivendo em um mundo pluralista*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

AMALADOSS, Michael. *Missão e inculturação*. Tradução de Barbar Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2000.

AMALADOSS, Michael. Concílio: um olhar indiano. *Revista IHU On-line*, n. 171, jan. 2013. São Leopoldo. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/171-noticias/noticias2013/516764-concilio-um-olhar-indiano-artigo-de-michael-amaladoss>. Acesso em: 23 ago. 2025.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*: tradução em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. p. 2206.

BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. *Diálogo profético: reflexões cristãs hoje*. Tradução de Joachim Andrade. São Paulo: Paulinas, 2016.



BOSCH, David J. *Transforming mission: paradigm shifts in theology of mission*. 20th Anniversary Edition. (American Society of Missiology Series). New York, 2011.

BOFF, Leonardo. O conflito dos modelos de evangelização para a América Latina: reflexão e propósito para os 500 anos. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 52, n. 206, p. 344-363, jun. 1992. Petrópolis: Vozes.

BRIGHENTI, Agenor. *Por uma evangelização inculturada: princípios pedagógicos e passos metodológicos*. São Paulo: Paulinas, 1998.

COMBLIN, José. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano. *Revista Vida Pastoral. Documentos e Concílios*, n. 243, p. 17-22, 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*. Documento da CNBB, 94, 2011-2015. Brasília: Edições CNBB, 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e cooperação missionária: orientações para a animação missionária da Igreja do Brasil*. Documento da CNBB, 108. Brasília: Edições CNBB, 2016.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 143-256.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 39-113.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja*. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 351-399.

CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Dignitatis humanae sobre a liberdade religiosa*. In: *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 600-616.

FARÍAS, Amaya, Fernando. Diálogo interreligioso desde el contexto colonial: argumentos y polémicas que se desprenden del encuentro entre los sacerdotes nahuas y los frailes franciscanos. México, 1524. *Revista Missão & Cultura*, edição 1, ano 1, jan./jun. 2025, p. 121-131.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: a alegria do evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Redemptor Hominis a todos os homens de boa vontade no início do seu ministério pontifical*. São Paulo: Paulinas, 1979.

JOÃO PAULO II, Papa. *Redemptoris Missio: sobre a validade permanente do mandato missionário*. São Paulo: Paulinas, 1990.

KIM, Kirsteen. *Mission theology of the Church*. Disponível em: https://www.academia.edu/4389263/Mission_Theology_of_the_Church?email_work_card=title. Acesso em: 11 ago. 2025.



MAÇANEIRO, Marcial. *Teologia das religiões: salvação e religiões não-cristãs*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – FAJE, Belo Horizonte, 2006.

PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1975.

SECRETARIADO PARA OS NÃO CRISTÃOS. *Igreja e as outras religiões: diálogo e missão*. São Paulo: Paulinas, 1984.

SUESS, Paulo. A missão no canteiro de obras do Vaticano II: contexto e texto do Decreto *Ad Gentes* revisitado 40 anos depois de sua promulgação. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 66, n. 261, jan. 2006. doi: 10.29386/reb.v66i261.1610.

SUESS, Paulo. Missiologia como teologia fundamental. In: BRIGHENTI, Agenor; AROYO, Francisco Merlos (orgs.). *Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2015.

SUESS, Paulo. *Missão e misericórdia: a transformação missionária da Igreja segundo a Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2017.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Autocompreensão cristã: diálogo das religiões*. Tradução de José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2007.

VILLASEÑOR LÓPEZ, Rafael. A esperança na teologia da missão: uma reflexão no contexto do ano jubilar. *Revista Missão & Cultura*, edição 1, ano 1, jan./jun. 2025, p. 9-22.

WOLFF, Elias. *A unidade da Igreja: ensaio de eclesiologia ecumênica*. São Paulo: Paulus, 2007.

WOLFF, Elias. *Unitates Redintegratio, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate: textos e comentários*. São Paulo: Paulinas, 2012.

Recebido: 26 de agosto 2025 | Aceito: 10 de setembro 2025

